

**HUMANIDADES E ARTES NO CURSO DE MEDICINA  
DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

**Joaquim Pinto Machado**

**Comunicação à Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa**

**2 de Fevereiro de 2006**

**I**

**Introdução**

- 1. Uso o termo “Humanidades” para designar todo o conhecimento e reflexão sobre o Homem enquanto ente metabiológico, e uso o termo “Artes” para indicar as expressões das vidências e vivências das relações dos seres humanos entre si, com o mundo e com o sobrenatural.**

**O objectivo da presente comunicação não é demonstrar a importância das Humanidades e das Artes na formação do aluno de Medicina, certo que estou de que o ilustre Auditório Académico, pela sua cultura e até pela sua experiência, mesmo que ocasional – como desejo -, de atendimento por médico, não necessita de ser convencido de que Humanidades e Artes são importantes na modelação e desenvolvimento das aptidões, atitudes e comportamentos necessários ao médico na sua relação com os doentes e na sua análise e compreensão dos factores psicossociológicos associados à doença.**

**Ciente da adesão do Auditório à tese, o que viso é descrever o modo como ela é aplicada no Curso de Medicina da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho.**

**Contudo, apesar da desnecessária justificação do porquê, não resisto ao impulso – talvez por hábito académico – de evitar uma retrospectiva histórica, embora sucinta, a tal respeito.**

**2. Escolhi dois fios, dos muitos de intrincada rede: um, português, outro, norte-americano. Na ponta mais antiga do fio português encontro o Prof. Hernâni Monteiro, professor catedrático de Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Nunca exerceu a clínica, embora da sua equipa docente tenham saído ilustres professores de cirurgia e no Laboratório de Cirurgia Experimental por si criado no Instituto de Anatomia terem iniciado e/ou desenvolvido trabalhos de investigação clínicos de diversas especialidades pertencentes ao corpo docente da Faculdade. Hernâni Monteiro fez da sua Cadeira de Anatomia Topográfica uma Anatomia Clínica, introduziu nela a Anatomia Radiológica e a Anatomia de Superfície no vivo e vivificou a ciência anatómica ao considerá-la na perspectiva funcional, quer em situações fisiológicas quer de distúrbios experimentalmente provocados. Foi também – *the last but not the least* – a alma e o suor da construção do Hospital Escolar de São João, e ainda: fundador e animador do Teatro Clássico Universitário do Porto e dos “Serões de Arte” do Centro Universitário do Porto – tendo escolhido para assessora nada mais nada menos que Guilhermina Suggia. Ele mesmo foi discípulo do insigne pianista Óscar da Silva e foi escritor e poeta. Pois este Senhor, este grande Senhor, num estudo intitulado “Sobre a reforma do ensino médico”, publicado em 1942<sup>1</sup>, escreveu:**

***“Porque se o médico verdadeiro, completo, capaz de exercer influência sobre o seu doente e sobre o público, deve ser, como queria Liek, ao mesmo tempo um sábio, um terapeuta, um filósofo, um sacerdote, um conhecedor de***

---

<sup>1</sup> *Jornal do Médico* (1942), nº 32, 33 e 34.

*homens, um condutor de almas, bem se compreende a necessidade não só de instrução vasta e profunda, mas também de educação perfeita e cultura sólida. Tudo isto deve o futuro médico aprender nas faculdades*<sup>2</sup>.

E referindo-se ao projecto de reforma elaborado pelo Prof. René Leriche (grande amigo do Prof. Hernâni e mestre de cirurgia de alguns dos seus colaboradores) a pedido do governo francês, diz que este documento indicava *“como fontes de educação e cultura para o médico: as humanidades clássicas ligadas às ciências, a vida na Universidade e o exemplo dos mestres a incutir o amor do trabalho, a elevação do carácter, a dignidade na vida profissional”*.

Seis anos depois, na Lição Final do Curso de Aperfeiçoamento Médico-Sanitário, promovido pela Secção Regional do Porto da Ordem dos Médicos, lição intitulada *“O Médico Perfeito”*<sup>3</sup>, Mestre Hernâni serve-se como guia do livro de Henrique Jorge Henriques, professor em Coimbra e Salamanca, publicado em espanhol, nesta cidade, em 1595, em que, em forma de diálogo, o autor traça o retrato do *“médico perfeito”*, título da obra.

De passagem, transcrevo o soneto, com esse mesmo título, composto pelo Prof. Hernâni Monteiro e dedicado ao expoente de deontologia que foi o Dr. António Caetano Ferreira de Castro, meu médico na minha adolescência, *“em que se marcam as principais qualidades que, na opinião do grande Mestre quinhentista, devem caracterizar o bom médico”*<sup>4</sup>:

---

<sup>2</sup> Não destacado no original.

<sup>3</sup> *Jornal do Médico* (1948) XII (309): 695-704.

<sup>4</sup> Hernâni Monteiro, *op cit*<sup>3</sup>.

## **O MÉDICO PERFEITO**

***Humilde, não soberbo ou presunçoso;  
Com os pobres, então, caritativo;  
Benigno e manso, nunca vingativo;  
Discreto e, nem por sombras, invejoso.***

***Amigo, sim, das letras e curioso;  
Obreiro infatigável, sempre activo;  
Desde o nascer do sol, alegre e vivo,  
Até ao sol poente, nunca ocioso.***

***Sabedor, sem que o mostre, envaidecido;  
Na sua profissão, um desprendido;  
Decente no trajar, morigerado,***

***Prudente, cauteloso, não arteiro,  
E não murmurador nem lisonjeiro:  
- Eis o Perfeito Médico esboçado.***

**Pois segundo Henrique Jorge Henriques são importantes, para a perfeição do médico, a Música, a Poesia, a Matemática, a Lógica e a Filosofia. E Mestre Hernâni comenta que é “aquilo que há poucos anos Pierre Mauriac chamou os confins da Medicina<sup>5</sup>, a cujo sol deve aquecer-se a inteligência do médico para se tornar mais fecunda e humana a sua ciência”<sup>6</sup>.**

**Na outra ponta, recente, do fio português, encontro duas publicações: uma, de 2003, do Professor de Psiquiatria da**

---

<sup>5</sup> Pierre Mauriac: Les confins de la Medicine et ceux qui les fréquentent. *Bruxelles-Médical* (1927).  
Número spécial consacré aux Journées Médicales.

<sup>6</sup> Hernâni Monteiro, *op cit*³.

**Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Doutor António Barbosa, intitulada “Humanidades no Ensino Médico”, a outra, de 2005, do Professor de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, Doutor João Videira Amaral, de título “As Humanidades e a Formação Médica Pediátrica”<sup>8</sup>.**

**Da publicação do Prof. António Barbosa, transcrevo:**

***“O discurso científico descobre diferentes aspectos de um dado campo e contenta-se com resultados parciais. O discurso humanístico tratará de ver a articulação do mesmo campo numa perspectiva global: o homem como totalidade na sua expressão (língua, literatura, artes), ser (filosofia e história) e sentido (bioética e teologia).”***

**Da publicação do Prof. Videira Amaral cito o último parágrafo:**

***“(...) o futuro médico, com vocação, deverá contrabalançar a alta tecnologia (hoje indispensável) com o “toque humano”. Em suma, tem o dever ético de se aperfeiçoar para além da medicina cultivando as Humanidades”.***

- 3. O fio norte-americano é de pontas mais substanciais. Não por maior mérito dos autores, mas por se tratar de colectânea de textos de diferentes fontes, organizada pela *Society for Health and Human Values*<sup>9</sup> a solicitação da *Association of American Medical Colleges* e publicada na sua revista *Academic Medicine*. É uma colectânea notável, que devia ser “livro de cabeceira” dos responsáveis das Escolas Médicas.**

---

<sup>7</sup> *Boletim da SPEM* (2003) 13 (2-3): 7-8.

<sup>8</sup> *Acta Pediátrica Port.* (2005) 36 (2/3): 159-162.

<sup>9</sup> Organização internacional dedicada à investigação e ensino no domínio das humanidades e da bioética em medicina.

**Do prefácio de Addeane S. Caelleigh e Lisa R. Dittrich<sup>10</sup>, da equipa editorial da revista, reproduzo, em tradução, a seguinte passagem:**

**“(...) as humanidades dizem respeito às áreas mais difíceis da vida humana, as áreas da experiência pessoal pela qual vivemos e compreendemos a nossa vida. Basta indicá-las para se ver o seu âmbito: direito, ética, literatura, religião, história, filosofia, arte. Dizem respeito a questões que nos interpelam em todos os aspectos da nossa vida, não apenas quanto à saúde e à medicina – Onde está o que é justo? Como fazer o que deverá ser feito e como o sabemos? Podemos encontrar, ou como encontrar, sentido para as nossas vidas, em especial face ao sofrimento e à morte? Como podemos conhecer as motivações e os compromissos subjacentes às nossas acções e à nossa profissão? Como podemos responder com empatia aos problemas dos outros? Como cuidar devidamente e com respeito pessoas diferentes de nós, quiçá que não compreendemos ou de quem discordamos? Que recursos pessoais temos que desenvolver para nos havermos com as nossas limitações, as nossas dúvidas e as nossas frustrações? As humanidades têm também a ver com questões próprias da medicina e da ciência - Quem decide (e qual o fundamento das decisões) em matéria de questões éticas tais como suicídio assistido, não utilização, ou interrupção, de medidas de “ressuscitação”, aborto, intervenções terapêuticas? Como acompanhar os progressos científicos sabendo que novos avanços, se**

---

<sup>10</sup> *Academic Medicine* (1995) 70 (4): 757.

**muitas vezes suscitam novas esperanças, acarretam também novos dilemas éticos? Qual é o melhor modo de orientar a investigação que procura fazer progredir a medicina? Estas questões, embora estejam enredadas na ciência, não podem encontrar resposta nela. Para nos ajudar a enfrentá-las temos que nos voltar para os trabalhos dos filósofos, dos escritores, dos artistas, dos historiadores, dos juristas”.**

**A ponta terminal do fio norte-americano é de 2003, e diz também respeito a um número especial da *Academic Medicine*, sobre o tema *Humanities Education*<sup>11</sup>. Enquanto que o número especial de 1995 é de carácter conceptual e de apreciação genérica de diferentes experiências nos Estados Unidos, o de 2003 reúne relatos de realizações em 22 Escolas Médicas de diversos países: 13 norte-americanas, duas do Canadá e uma da Alemanha, Argentina, Croácia, Inglaterra, Noruega, Suécia e Suíça. A conclusão que se tira destes testemunhos é, nas palavras da editora da revista, Lisa R. Dittrich, “de que os avanços em medicina tornam ainda mais necessário o estudo das humanidades”<sup>12</sup>.**

## **II**

### **A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

#### **1. A criação da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho e do seu Curso de Medicina foi autorizada por despacho do Ministro da Educação, Doutor Eduardo Marçal Grilo, de 20**

---

<sup>11</sup> *Academic Medicine* (2003) 78 (10).

<sup>12</sup> Lisa R. Dittrich: Preface. *Academic Medicine* (2003) 78: 951-952.

**de Setembro de 1999, após parecer favorável de uma comissão internacional de peritos sobre a proposta apresentada por esta Universidade, que satisfazia todos os requisitos exigidos pela resolução do Conselho de Ministros nº 140/98, de 4 de Dezembro, nomeadamente quanto a inovação pedagógica e de gestão e articulação com estabelecimentos de saúde e ainda a capacidade de liderança do projecto.**

**Em reunião do Reitor da Universidade do Minho e do Presidente e Vice-Presidente da Comissão Instaladora da Escola com o Primeiro-Ministro e os Ministros da Educação, da Saúde e da Ciência e Tecnologia, em Janeiro de 2001, foi garantido que as instalações definitivas estariam operacionais no início do ano lectivo de 2003-04 e as do novo hospital de Braga em finais de 2005, o que levou o Reitor a decidir que o 1º ano do Curso de Medicina entraria em funcionamento em Outubro desse ano de 2001, o que aconteceu. Digo, de passagem, que o novo edifício da Escola só poderá ser utilizado no ano lectivo de 2007-08 (se não houver contratempos, sempre possíveis e naturais entre nós) e o novo Hospital de Braga em 2009 (também se tudo correr bem...).**

- 2. Para se compreender como é que as Humanidades e as Artes estão integradas no Curso de Medicina da Universidade do Minho, é indispensável conhecer as características deste Curso, de que, por limitação de tempo, indico apenas as principais:**
  - 1. Centrado na aprendizagem personalizada, em função de objectivos (cognitivos, técnicos e afectivos);**
  - 2. Ênfase na pesquisa e utilização da informação com vista à identificação, interpretação e resolução de problemas;**
  - 3. Trabalho individual e em grupo;**



4. **Relações próximas dos alunos com os docentes; tutores de grupo e tutores pessoais;**
  5. **Estrutura curricular flexível e diversificada (opções);**
  6. **Actividades de investigação (laboratorial, clínica e de saúde pública);**
  7. **Plano de estudos organizado por áreas pluridisciplinares, em integração bio-psico-social;**
  8. **Contacto com os doentes e a comunidade desde o 1º ano e articulação das ciências biomédicas com a clínica ao longo de todo o curso;**
  9. **Prática médica hospitalar, comunitária e domiciliária, tendo em vista não só a cura e a reabilitação mas também a prevenção da doença e a promoção da saúde;**
  10. **Avaliação da aprendizagem de acordo com os objectivos e numa perspectiva personalizada;**
  11. **Gestão coordenada e integrada;**
  12. **Avaliação anual do Curso por comissão externa de peritos (nacionais e estrangeiros).**
3. **Foi no ano lectivo de 2002-03, em que funcionavam o 1º e o 2º anos do Curso de Medicina, que se iniciou a inclusão das Humanidades e das Artes, embora a título experimental, sendo a frequência voluntária, o mesmo sucedendo no ano lectivo seguinte. O carácter obrigatório foi introduzido em 2004-05, com inclusão no Plano de Estudos do Curso, face à adesão dos alunos, à convicção da Escola da importância do empreendimento, e à identificação da solução para três problemas: o da carga horária a atribuir e sua distribuição ao longo do ano, o da organização dos diversos domínios das Humanidades e das Artes e sua situação no Plano de Estudos, e,**

**por último, o da designação das unidades curriculares a elas respeitantes.**

**Quanto à carga horária e sua distribuição ao longo do ano, decidiu-se que as sessões seriam de hora e meia a duas horas, nas manhãs de 4<sup>a</sup> feira (podendo haver duas sessões na mesma manhã), excepto naquelas em que houvesse provas formais de avaliação dos alunos na 6<sup>a</sup> feira imediata (habitualmente de 4 em 4 semanas) e também nas quatro últimas semanas do ano lectivo, em que decorrem os “Projectos de Opção”<sup>13</sup>.**

**Quanto à organização no Plano de Estudos, são contemplados todos os anos e seguiu-se o princípio de integração pluridisciplinar que preside à constituição de todas as áreas curriculares (em vez das habituais “disciplinas” cientificamente monodisciplinares): assim, todas as sessões pedagógicas respeitantes a Humanidades e Artes constituem uma mesma área curricular.**

**E qual a distribuição dos diversos temas pelos diversos anos do curso e, em cada um deles, ao longo do ano lectivo? Usa-se o critério da ligação dos temas com as áreas curriculares biomédicas e clínicas a decorrer. Por exemplo: a sessão sobre “Sócrates” é tratada logo no início do 1<sup>o</sup> ano, em que decorre a área curricular de “Introdução ao Curso de Medicina”, para “abrir caminho” à atitude de reflexão crítica; a sessão de “Biologia da Auto-Consciência” no 2<sup>o</sup> ano, quando os alunos estão ocupados com as Neurociências; a história das infecções**

---

<sup>13</sup> Trabalhos de livre escolha dos alunos (mas aprovados pela Escola), de investigação laboratorial, clínica, de saúde pública, estágios em estabelecimentos de saúde ou instituições de Solidariedade Social, estudos de História da Medicina, reflexões sobre questões bioéticas, etc. É obrigatória a elaboração de um relatório e a apresentação, perante todos os alunos e docentes, de uma comunicação de 10 minutos sobre o trabalho desenvolvido, seguida de 5 minutos de discussão. O trabalho de cada aluno é supervisionado por um “orientador” pertencente à instituição onde é realizado.

é versada quando está a decorrer o módulo de Microbiologia da área de Biopatologia, no 3º ano; o “Diário de um Louco”, de Gogol, é comentado durante a área de Saúde Mental, no 4º ano; as questões éticas suscitadas pela transplantação de tecidos e órgãos são reflectidas no 5º ano, no decurso da área de cirurgia.

Finalmente, a questão da designação. A ideia surgiu, por acaso, ao ler o quinzenário “O Gaiato”, da Obra da Rua – “filho” dessa extraordinária personalidade que foi o Padre/Pai Américo – onde li a expressão “pulsar da vida”. Pois era isso, era isso mesmo que se pretendia: *“Tomar o Pulso à Vida”*. Era pelo calor do frémito da Vida, das altezas e baixezas, das alegrias e tristezas, das aspirações e desilusões da Vida manifestadas na condição humana, era por esse calor que, parafraseando Pierre Mauriac já antes referido em citação do Prof. Hernâni Monteiro<sup>14</sup>, *“deve aquecer-se a inteligência do médico para se tornar mais fecunda e humana a sua ciência”*.

Embora a designação “Tomar o Pulso à Vida” exprimisse correctamente a identidade desta área curricular, ela tinha o inconveniente de não explicitar a sua inclusão em todos os anos curriculares do Curso, pelo que, para fins administrativos, se usa a designação “Domínios Verticais”.

4. O período experimental de 2002-03 e 2003-04, além de ter permitido testar a exequibilidade e a validade do modelo imaginado, teve a fecundidade de possibilitar a apreensão de cenários não referidos na *Academic Medicine* de Setembro de 1995. Passo a indicá-los:

---

<sup>14</sup> Ver nota 1.

- a) a “Ciência” enquanto expressão do impulso inato do ser humano de conhecer e compreender a realidade, que ao longo dos séculos seduziu e empenhou tantos e tantos num labor apaixonado de dedicação total, a cujos frutos a sociedade de hoje deve muitíssimo do que usufrui;
- b) a atenção aos acontecimentos do quotidiano, distinguindo os que, pelos seus aspectos positivos ou negativos, merecem especial atenção, análise e reflexão (“Casos do Mês”);
- c) o encontro com pessoas que, a diferentes títulos, vale a pena conhecer, interrogar e interpelar (“Uma Pessoa Confessa-se”);
- d) a apresentação de temas escolhidos pelos alunos e até de obras de sua criação (“Manta de Retalhos”).

Enquanto responsável (“Coordenador”) por esta área curricular, tomei a iniciativa, a partir de Fevereiro de 2004, de elaborar uma “Ementa Literária” mensal com o propósito de estimular o gosto pela leitura e de recolher o conseqüente proveito. Essa ementa, enviada para o endereço electrónico pessoal de cada aluno (depois, a pedido, também de cada docente, investigador e funcionário), consta de curtos pensamentos (*aperitivos*), de excerto de obra literária (*prato*), de uma poesia (*sobremesa*) e, “extra-programa”, de sentenças para *aprender a viver*.

5. A área curricular “Tomar o Pulso á Vida/Domínios Verticais” tem em vista uma imersão dos alunos em múltiplas vidências e vivências da condição humana, com o fim de contribuir para a formação de médicos cultos, isto é, com valores, saberes,

**sensibilidades, atitudes e comportamentos de que resulte argúcia em compreender e decidir, empatia em escutar, acompanhar e cuidar, força em serenar transmitindo confiança e esperança, honestidade em aceitar a possibilidade de erro e assumir a conseqüente responsabilidade, humildade a exigir contínuo aperfeiçoamento pessoal, consciência esclarecida do carácter eminentemente moral do exercício da medicina e da intolerabilidade das agressões à dignidade das pessoas, sem qualquer discriminação.**

**A condição preliminar para que se consiga o que se pretende é que os alunos, logo no início do 1º ano, estejam devidamente esclarecidos quanto ao que está em causa e como o atingir.**

**Com esse objectivo realiza-se uma sessão interactiva, incluída na área curricular “Introdução ao Curso de Medicina”, em que se trata, sucessivamente, das seguintes questões:**

**a) no Curso de Medicina da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho, tudo está orientado para o Ser Humano, razão de ser da Medicina;**

**b) o Ser Humano não é uma máquina biológica mas uma pessoa: ente responsável, livre, com sentimentos, afectos, projectos, sentido de vida e consciência moral;**

**c) o médico necessita de conhecer o doente e de entrar em relacionamento empático com ele;**

**d) o doente é uma “aflição” e um “mistério”;**

**e) “Sou homem: nada do que é humano me é estranho” (Terêncio); Sou médico: nada do que é humano me é estranho enquanto médico;**

**f) Tomar o Pulso à Vida/Domínios Verticais:**

**- em que consistem ?**

- o que visam?
- porquê esta dupla designação?
- como funcionam?
- como são classificados os alunos?

**6. Passo a nomear os temas das sessões (incluindo os previstos para os meses de Fevereiro a Maio deste ano), agrupando-os segundo os domínios em que se integram e indicando o ano curricular a que respeitam:**

### **Antropologia**

**O que é Ser Humano? (1º)**

**Visita ao Calvário\* (2º)**

**Biologia da auto-consciência (2º)**

**A inteligência emocional (2º)**

**Os idosos (3º)**

**Sexualidade (3º)**

**A (não) integração dos profissionais de saúde ucranianos (3º)**

**O nascer e o crescer (5º)**

**O viver/desviver (5º)**

**O envelhecer (5º)**

**O morrer (5º)**

**\* Instituição da “Obra da Rua”, que acolhe deficientes mentais e físicos e doentes incuráveis que não têm tecto que os abrigue nem pessoas que os acolham.**

### **Arte**

**Filme “Dead Poets Society” (1º, 2º, 3º)**

**Filme “Patch Adams” (1º)**

**Filme “Habla con ella” (2º)**

**Filme “Terms of endearment” (3º)**

**Filme “A beautiful mind” (4º)**

**As expressões humanas na arte (2º)**

**Visita ao Museu Nogueira da Silva (2º)**

**Visita ao Museu Pio XII (2º)**

**Talentos artísticos dos alunos (3º)**

### **Ciência**

**A natureza da ciência: Louis Pasteur no seu dia-a-dia (1º)**

**Método científico (1º)**

**Redacção de um trabalho de investigação científica (1º)**

**Sentido e limites do progresso científico (3º)**

**Precisamos tanto de médicos-cientistas como de cientista médicos (3º)**

### **Ética**

**Ética, Bioética e Ética Médica; fundamentos (1º)**

**O cadáver humano e a Anatomia: perspectiva ética (1º)**

**Ética: pensar e agir (2º)**

**Investigação científica: perspectiva ética (3º)**

**O estatuto do embrião humano (3º)**

**Dilemas éticos em genética (3º)**

**Relação médico-doente: perspectiva ética (3º)**

**Obstetrícia: questões éticas (4º)**

**Pediatria: questões éticas (4º)**

**Saúde Mental: questões éticas (4º)**

**Transplantes: questões éticas (5º)**

**Infertilidade: questões éticas (5º)**

## **Filosofia**

**Sócrates (1º)**

**Nota: Diversos temas incluídos noutras áreas implicam reflexões de natureza filosófica.**

## **História da Medicina e da Ciência**

**Panorâmica da História da Medicina Ocidental (1º)**

**Biologia Celular e Molecular: perspectiva histórica (1º)**

**Neurociências: perspectiva histórica (2º)**

**Infecção: perspectiva histórica (3º)**

**Psiquiatria: perspectiva histórica (4º)**

**Cirurgia: perspectiva histórica (5º)**

## **Literatura**

**A leitura e a arte de ser feliz/A leitura e a multiplicação da vida/As margens da alegria (1º)**

**“Le Petit Prince” (2º)**

**Declamação e construção de poesia (2º)**

**Teatro e Terapia (3º)**

**“Trapos” (4º)**

**“Diário de um Louco” (4º)**

## **Religião**

**Credos e práticas religiosas (4º).**

- 7. Tal como acontece em todas as outras áreas curriculares, também nesta a metodologia pedagógica é interactiva. Isto é: não só as intervenções dos docentes provocam o diálogo – visando que os alunos identifiquem problemas, associem**



conhecimentos, reflectam sobre factos, critiquem argumentos, definam e fundamentem vidências e juízos – como o próprio programa da sessão frequentemente prevê que a animação de uma parte dela esteja a cargo dos alunos.

**8. A inclusão da área curricular “Domínios Verticais” no Plano de Estudos do Curso de Medicina da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho implicou a necessidade de cumprir o imperativo legal de atribuir uma classificação de 0 a 20 valores a cada aluno. Ora, como dar uma classificação quantitativa a uma formação que não diz respeito a conhecimentos nem práticas, mas a outra maneira de ver, de estar, de ser, que - repito outra vez Pierre Mauriac - “*torne mais fecunda e humana a ciência do médico*”? Nesta órbita, o que significa ter 10, ou 13, ou 16? Que diferença há entre o que tem 11 e o que tem 12, entre o que tem 15 e o que tem 16? Trata-se de uma área que tem por alvo o que há de mais profundo no Eu pessoal, onde se constroem e assumem os valores, os sentidos, os critérios e as determinações do agir. É um trabalho de educação persistente, paciente, e que não dispensa outros meios entre os quais se destacam os que René Leriche identificava, para além das humanidades: “a vida na Universidade e o exemplo dos mestres”<sup>15</sup>, o que muito mais tarde F. W. Hafferty e R. Franks designaram por “currículo escondido”<sup>16</sup>.**

**Em 1964, David S. Sinclair<sup>17</sup>, professor de Anatomia em Oxford, verberou com veemência esta obsessão por classificar:**

---

<sup>15</sup> Ver nota 1.

<sup>16</sup> The hidden curriculum. Ethics teaching, and the structure of medical education. *Academic Medicine* (1994) 69: 861-871.

<sup>17</sup> David S. Sinclair (1964): *A Student's Guide to Anatomy*. Oxford, Blackwell.

**“Esta atitude – de que nada deve ser considerado se não contribuiu directamente para o conhecimento verificável – é uma das mais sérias acusações tanto aos estudantes como ao sistema que a promove. A finalidade do ingresso numa universidade é alcançar uma educação e não, meramente, passar nos exames”.**

**Optou-se por uma solução que Salomão apoiaria: dado o carácter interactivo das sessões, estas foram consideradas como aulas práticas, o que exige a presença em pelo menos dois terços para se considerar que houve frequência. Os alunos que se quedam por esse mínimo têm 10 valores e os que o superam têm uma nota proporcional ao número de presenças.**

**A racionalidade desta solução consiste no pressuposto de que quanto mais imersões na condição humana tiver tido um aluno mais provável será que ele venha a ser um médico humanizado, um cuidador de pessoas e não um engenheiro de máquinas.**

**9. Faz parte da cultura da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho a avaliação do processo educativo. É reconhecido esse direito aos alunos, que é também seu dever. No caso de “Tomar o Pulso à Vida/Domínios Verticais” há dois tipos de avaliação pelos alunos. Um, no final de cada sessão, sendo a apreciação feita segundo a escala “muito boa, boa, razoável, má” e sendo os alunos solicitados a indicar, sucintamente, os aspectos mais positivos ou/e mais negativos. O outro tipo de avaliação é no final do ano lectivo, em conformidade com o seguinte questionário:**

***1. Com esta área:***

- *Senti-me motivado/a a aprender temáticas novas***
- *Senti-me motivado/a a aprofundar conhecimentos***

- *Desenvolvi a minha capacidade reflexiva*
- *Desenvolvi a minha capacidade emotivo-afectiva*
- *Compreendi que no exercício da Medicina se implicam todas as dimensões humanas*
- *Globalmente, desenvolvi-me como pessoa*
- *Globalmente, considero esta área importante*

As respostas foram dadas numericamente, segundo a seguinte escala: 1- discordo totalmente; 2- discordo; 3- não sei; 4- concordo; 5- concordo totalmente.

*II. Tendo em conta o próximo ano lectivo, qual dos seguintes domínios gostaria que tivesse mais sessões?*

- *Criação literária e artística*
- *Ética*
- *Filosofia*
- *História da Ciência e da Medicina*
- *Uma Pessoa Confessa-se*
- *Outro (mencionar)*

*III. O que mais/menos gostei nesta área foi...*

*Proponho as seguintes mudanças...*

*IV. Considera este inquérito ajustado á avaliação desta área? Se não, agradecemos que justifique.*

No ano lectivo de 2004-05, o primeiro em que esta área foi de frequência obrigatória, os resultados globais de avaliação das sessões foram os seguintes:

	Muito boa	Boa	Razoável	Má
1º ano	29%	48,4%	20.5%	2%
2º ano	62%	26.7%	19%	0.5%
3º ano	26.7%	39.8%	26.9%	0%

<b>4º ano</b>	<b>26.9%</b>	<b>60.3%</b>	<b>12.6%</b>	<b>0%</b>
<b>Manta de Retalhos*</b>	<b>24.3%</b>	<b>55.6%</b>	<b>17.3%</b>	<b>2.5%</b>
<b>Uma Pessoa</b>	<b>66%</b>	<b>31.1%</b>	<b>2.7%</b>	<b>0%</b>
<b>Confessa-se*</b>				
<b>Total</b>	<b>34.7%</b>	<b>43%</b>	<b>19.2%</b>	<b>2.7%</b>

**\* Sessões conjuntas para os alunos dos quatro anos**

**A importância global da área é reconhecida por 56% dos alunos do 1º ano, por 60% dos alunos do 2º ano e por 74% dos alunos do 3º. Este crescendo de respostas positivas é mais um dado que reforça o reconhecimento dessa importância. Surpreendentemente, nos alunos do 4º ano, as respostas de 37% foram negativas e as de 26% foram de “não sei”. Este pouco apreço expresso pelos alunos do 4º ano deve estar, pelo menos em parte, relacionado com certas vicissitudes verificadas em outras áreas desse ano que os obrigou a uma carga horária sobrecarregada.**

**10. Como responsável pela concepção, organização e acompanhamento da área curricular “Tomar o Pulso à Vida/Domínios Verticais” – desde o último ano lectivo, com a preciosa colaboração da Profª. Clara Costa Oliveira, do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho - como vejo esta experiência que vai em três anos e meio?**

**A julgar pela adesão dos alunos, pelas opiniões das pessoas convidadas para orientarem as sessões e pela nossa análise crítica pessoal – minha e da Profª. Clara – o juízo é firmemente positivo. Mas... o resultado à distância, na vida profissional? Aí é que soará a prova real. Mas seja qual for o seu resultado, terá valido a pena, pois o Educador deve ser como o Poeta que Torga evoca na sua “Canção do Semeador”:**

***Na terra negra da vida,  
Pousio do desespero,  
É que o Poeta semeia  
Poemas de confiança.  
O Poeta é uma criança  
Que devaneia.***

***Mas todo o semeador  
Semeia contra o presente.  
Semeia como vidente  
A seara do futuro,  
Sem saber se o chão é duro  
E lhe recebe a semente.***

11. Termino reproduzindo, no original, as palavras com que Rita Charon e Peter Williams – ela, professora de Medicina Clínica da Universidade de Columbia, Nova Iorque; ele, professor de Medicina Preventiva da Universidade Estadual de Nova Iorque em Stony Brook – concluem a notável “Introdução” que escreveram no número especial da *Academic Medicine*, de Setembro de 1995, sobre “Humanidades na Educação Médica<sup>18</sup>”:

***The medical humanities can give to deans and faculties and students of medical schools that which medicine desperately needs: the knowledge and the skills to practice a human medicine filled with respect, attentiveness, humility, and true caring.***

**Esta é também a minha firme convicção.**

---

<sup>18</sup> Páginas 758-760.

